Master Negative Storage Number

OCI00048.41

Disputa divertida das grandes bulhas que teve

Rio de Janeiro

1886

Reel: 48 Title: 41
Silva Trovoada

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.41

Control Number: ABJ-0417
OCLC Number : 07562372
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 10
Title : Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homen com sua mulher por lhe não querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos : obra alegre e necessaria para a pessoa que for casada.
Imprint : Rio de Janeiro : A' venda na Livraria de A.T. de Castro Dias, 1886.
Format : 31 p. ; 20 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9.29.94
Camera Operator: S

DISPUTA DIVERTIDA

DAS

GRANDES BULHAS QUE TEVE

UM HOMEM COM SUA MULHER

Por lhe não querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos.

OBRA ALEGRE

E NECESSARIA PARA A PESSOA QUE FOR CASADA

RIO DE JANEIRO
A' venda na **Livraria** de A. T. de Castro Dias
28 RUA DOS ANDRADAS 28
(canto da das Violas)

1886

W
381.5698
88383
no.10

AUG 21 1911

DISPUTA DIVERTIDA

MARIDO

Já me custa mulher, tanta parola,
Basta para castigo a corrióla
Em que eu vim a cahir em me casar.
Para tantas asneiras aturar.

MULHER

Que me atura você? não me dirá?

MARIDO

Aturo uma mulher, igual não ha.

MULHER

Bem diz que igual não ha, pois na verdade
Em tudo quanto é bom sou raridade.

MARIDO

Bom achar-se em você! Deixe-me rir:
Nesse ponto é melhor não lhe bulir.

MULHER

Quer lhe bula você, quer lhe não bula.
Tudo lhe hei de tomar em ar de chula.

MARIDO

Olhe que essa chulice, inda algum dia,
Me ha de obrigar a alguma felestria!
Se quer commigo em paz sempre viver,
Sátisfaça melhor o seu dever,
Não traga a cabecinha tanto a roda,
Querendo parecer mulher da moda.

AUG 15 1977

MULHER

Que faça o meu dever? Você está louco!
Ora diga-me cá? Attenda um pouco:
Faltou-lhe algum dia o seu acceio?
Que mulher entrou cá ou braço alheio?
Ou tem meu logar inda servido?
Seja, pois, no fallar mais commedido.

MARIDO

Se me olhasse você com outros olhos...
Havia-me achar razões aos molhos;
Mas como segue em tudo errada norma.
Por isso falla assim por essa forma.

MULHER

Eu fallo com razão, segundo entendo,
Espere, que eu o faço ir desdizendo:
Quando se faz preciso ensaboar
Quem chama cá você no meu lugar?

MARIDO

Assim é, que não chamo cá ninguem;
Mas é porque essa acção não me está bem;
Porque deixar de ter eu precisão
Não deixo de tratar a dita acção;
Porém temo por fóra que se diga
Que, tendo eu mulher forte e rapariga,
Me é preciso valer de estranha gente,
Para poder na rua andar decente.

MULHER

Gratifico-lhe a honra, senhor meu,
Vamos ao nosso caso: não fui eu
Que lhe engommei ante-hontem essa camisa?
Faltou-lhe alguma já quando a precisa?

MARIDO

Quantas e quantas vezes tem faltado!
E eu então sahindo envergonhado,
Muito peior ainda que um basculho,
Achado na immundicia do entulho;
Quantas vezes por essa mesma causa,
Para dar ao reparo alguma pausa,
Vou eu lavar lá dentro o collarinho
Por você se esquecer do meu aninho!
Quantas vezes accendi o fogareiro,
E preparando a gomma fui ligeiro?
De engommar o que é meu não me escuso,
Não devendo assim ser, e sem ter uso.

MULHER

Então isso que tem? Quantos o fazem?
Para isso é preciso que se casem?
Eu conheço bastantes na verdade.

MARIDO

Que o façam, mulher, por curiosidade,
Não duvido de alguns, como tu queres;
Mas este officio é proprio das mulheres.

MULHER

Quer seja, quer não seja, tenho dito,
Cada vez é você mais exquisito.

MARIDO

Diga-me agora cá, quando engommou,
Por que estas casas rotas me deixou?
Não podendo parar nellas botões,
Fugindo o collarinho em farrapões?

MULHER

Que você sempre em tudo ha de ser grulha!

Aqui tem esta linha e esta agulha,
E vá fazer-lhe agora esse concerto,
Já que está tão moido e tão esperto

MARIDO

Se você tem idéa para eu ter
Olhos nestes dous dedos para vêr,
Sem demora verá logo cosida
A camisa que tenho em mim vestida;
Mas, por habilidade, ou pelo tacto,
A ninguem vi coser inda o seu fato.

MULHER

Guarde lá, guarde lá, desmazelado,
Outro igual a você não tenho achado.

MARIDO

Que eu desmazelo tenho não duvido;
Mas é desmazelo de a ter soffrido.

MULHER

Que direi eu então nesses taes pontos?

MARIDO

Senhora, já não estou para ouvir contos.
Diga-me agora mais: já está cosido
O fôrro que lhe disse do vestido?

MULHER

Nem mais pela lembrança me passou,
Depois que você nisso me fallou.

MARIDO

De tanto esquecimento estou confuso!
Quer que eu metta este trapo agora a uso,

Podendo com o velho ainda poupal-o,
E para certos dias reserval-o?

MULHER

Não sei, não sei, que quer que mais lhe diga,
Appello eu como tal, ; forte fadiga?
Quer tudo logo feito de pancada?
De tanto trabalho já estou ralada.

MARIDO

Se você desta obra se esquecesse
Porque no seu logar outras fizesse,
Não lhe dizia agora cousa alguma;
Mas, vêl-a sem fazer cousa nenhuma,
Olhando para o tecto e para o ar,
Tenho muita razão para ralhar.

MULHER

Que tenha ou que não tenha, estou ninando,
Acho que era melhor ir-se calando.

MARIDO

Fará você de mim gato-sapato,
E eu andar aqui como insensato;
Para o que eu estava exposto neste mundo!
Quem tal advinhára? Eu me confundo?

MULHER

Bem tinha eu que dizer a esse respeito,
Pelo muito que devo ao conceito,
Mas, por não ir a mais, haja caluda.

MARIDO

Ora diga-me mais, senhora muda,
As palmilhas que ha dias lhe fallei,
Das meias já sem pés, que descalcei,
Estarão por acaso já deitadas?

MULHER

Ainda estão onde estavam penduradas;
Em todo o seu fallar me causa espanto
Eu não posso ter tempo para tanto;
Se me emprestasse a sua ligeireza,
Tudo seria feito com presteza;
Mas, se as cousas quizer com promptidão,
Compre-me uma varinha de condão.

MARIDO

Se incommodo não tem, desejo agora
Que me queira dizer, minha senhora,
Esse grande trabalho que tem tido,
Pelo qual deixei eu de ser servido!

MULHER

Puz os pós de Joanis no cabello,
Porque os bichos me davam algum desvelo;
Depois desembaracei com bem custo,
Que de ficar careca tive susto.
Pois tão quebrado estava, e por tal modo.
Que julguei que no pente vinha todo.
Gastei tambem o tempo no eirado,
Alporcando os craveiros do telhado;
Catei do nosso leito os percevejos,
Que ha bem tempo trazieis desejos;
Lavei aquella banca da cozinha;
Fui deitar (por estar choca) uma gallinha;
Tirei da outra os pintos já nascidos;
Sacudi, limpei da poeira os vestidos;
O resto basculhei muito bem todo,
Que de negras aranhas era engodo;
Tirei os carrapatos á cadella;
Esperei o aguadeiro na janella;
Duas camisas suas engommei;
Estas minhas fivellas limpei;

Sempre fiz o jantar, e mais a cêa;
Fui pôr torcida nova na candeia;
E mil cousas, que a mim me esquecem já,
De andar sempre d'alli para acolá.
Então este trabalho não é nada?
É o mesmo que andar por ahi sentada?
Tomára vê-lo cá com estas obras,
Para ver se lhe deixa o tempo sobras;
Menos lingua se quer e mais obrar,
Já estou farta de ouvir tanto ralhar.

MARIDO

Todo este trabalho tão pesado,
É feito desde quando eu sou casado,
Porque sendo eu em tudo tão previsto,
É o que ha nove mezes tenho visto,
Que tanto tempo ha de soffrimento,
Que eu passo neste amargo ajuntamento;
Os bons paes que me deram tal ensino
Poder-me-hei enganar, mas imagino
Que não lhes ha de faltar pequena lida,
Por causa de você, na outra vida;
Mas, como bom marido, hoje lhe aviso
Que não me trate assim em ar de riso,
Deixando-se de ser tão mandriona;
De canto a canto feito mona.

MULHER

Bem póde desde já ter a certeza
Que eu não hei de mudar de natureza;
Desta fórma que sou ha de aturar-me,
Perca de todo a idéa de emendar-me.

MARIDO

Se não tratar de ser melhor mulher,
Olhe que eu hei de usar do meu poder.
Cuide mais naquella cousa e aquell'outra,
Sem andar com a mão em cima d'outra,

Tudo deixando ir pela agua abaixo,
Com tanto desaforo e desempacho.

MULHER

Volte cá para mim, que é o que diz?
Já a mostarda me cheira no nariz!
Eu sou sua mulher, não sou sua preta,
Você tem nesse corpo muita treta;
O seu empenho é ver-me enterrada,
Já outra em meu logar anda aceirada;
Se tem essa tenção, se desmagine,
Que ha de ser quando Deus o determine.

MARIDO

Nunca vi proferir tantas asneiras,
Umas atraz das outras ás carreiras;
O que lhe digo só em baixo tom,
Que todo o meu desejo é ser-lhe bom;
E tomar não quizera aquelle emprego,
Que a mais da gente chama dar de cégo.

MULHER

Sim senhor, sim senhor, tenho entendido;
Pois saiba que se fôr descomedido,
Sempre em mim ha de achar igual resposta,
Que ha de ter mais sabor do que lagosta.

MARIDO

Nesse lance tambem usarei eu
Daquella jurisdição que Deus me deu;
Mas como ainda não estamos nesse prazo,
Vamos continuando o nosso caso:
Repare no aceio destas meias,
Que de malhas cahidas estão cheias,
Acha que justo é na ideia sua
Que eu com ellas assim ande na rua?

MULHER

Pois se na rua assim não quer andar,
Quem o manda sahir? Deixe-se estar.

MARIDO

Muito bonita lhe acho essa resposta!
Para o tal saborzinho da lagosta;
Porém, vamos andando, diga mais,
Praticava-se em casa de seus paes,
Quando a roupa trazia a lavadeira,
Ir guardal-a na caixa de carreira?
E, sem dos olhos ser examinada,
Dizer que sua é, vindo trocada?

MULHER

Para não porfiar, digo que sim,
Venha agora o demais, senhor Pim Pim.

MARIDO

E depois, na funcção de destrocar-se,
Que motim não ha de haver para entregar-se,
E por não ter signal, ou della ideia,
Ainda ficar em casa alguma alheia,
E sem que se devida, ou que se entrouxe,
Ser guardada outra vez a trouxe-mouxe;
E vestir-se, por fim, esfarrapada,
Pela mesma preguiça relatada?

MULHER

Suponhamos que esse erro que presume
Na casa de meus paes era custume;
Como em mim não se encontra esse defeito,
Nisso não tenho perda, nem proveito.

MARIDO

A pachorra lhe gabo e desempacho,
Estas meias, que eu trago aqui debaixo,
Por ventura dirá que ellas são minhas?

MULHER

Pois de quem hão de ser? São das visinhas?

MARIDO

Mas, desta perna esquerda, o calcanhar
Nem á força de malho quer entrar.

MULHER

Ainda ha tão poucos mezes de casada,
Como posso estar bem certificada,
Senhor catinga-mór, na roupa sua?
Se mais regras quer dar vá para a rua.

MARIDO

Bem sei que eram precisos dez mil annos
Para você não ter estes enganos;
Mas, para me ir enchendo de razão,
Vamos arrematando esta questão:
Não vio estas ceroulas que me deu,
Ha de dizer agora que fui eu
Que as rompi desde hontem para cá?

MULHER

Certamente que sim, bem claro está.

MARIDO

Anda d'ahi preguiça dos macacos,
Não as vi todas cheias de buracos,
Os joelhos trazendo ambos de fóra?
Que tem que me dizer a isto agora?

MULHER

Pois se as vio assim, não as vestisse,
Puzesse-as de parte, outras pedisse.

MARIDO

Porém sempre ficavam como estão,
Ainda que lhe pedisse outras então,

Que é o que tenho mais coutra você,
Por fazer de continuo que não vê.

MULHER

Então que quer de mim? quer-me açoutar?
Ora cale-se lá, và bugiar.

MARIDO

Não me quero calar, não esteja rindo,
Attenda mais um pouco, e vá ouvindo;
Em casa de seu pae, pois se tratavam,
A panella tambem não escumavam,
E a carne coziam por lavar,
Sem jámais terem nojo do jantar?

MULHER

Em casa de meus paes tudo era aceio.

MARIDO

Então não me dirá donde lhe veio
A receita de tanta porcaria,
Que eu lhe estou observando em cada dia?

MULHER

Inda não vi maior apuramento!
Appello eu por mim, forte tormento!
Supponho que lhe deu volta o miolo;
Ora cale-se já, não seja tolo.

MARIDO

Não se me vá fazendo dedenhosa,
Que ainda não se acabou a minha prosa;
Tambem lá sua mãe tinha por uso
Ter sempre atraz da porta a roca e o fuso,
Reduzindo-se o linho a ser estopa,
E dos restos do coco feito sopa?

MULHER

Á noite minha mãe sempre fiava,
E tantas maçarocas despejava,
Que fazia cada anno a sua teia
Que com ella ficava á casa cheia.

MARIDO

Do arratel de linho que eu comprei,
Logo ao terceiro dia que casei,
Nem uma maçaroca tenho visto,
Não me dirá, senhora, a causa disto?

MULHER

Eu agora não estou para dar contas,
Tem pegado você por dez mil pontas,
Porém ha de saber que o meu intento
É não lhe dar em nada aviamento.

MARIDO

A nada aviamento póde dar
Quem vontade não tem de trabalhar,
Dessa pouca vontade é que eu me queixo;
Porém a inquirição inda não deixo:
Em casa de seus paes era costume
A gente não comer cousa de lume?
E quando peixe algum em casa havia
Deitar-se pôdre fóra ao outro dia?

MULHER

Não digo do meu pae que tem riqueza,
Porém cá da fartura e da grandeza,
Boa carne ao jantar, á noite peixe,
Quem disser ao contrario a bocca feche.

MARIDO

Porque motivo então uns taes gorazes,
Que hoje você disse estavam capazes,

Logo assim que sahi m'os deitou fóra?
A resposta lhe quero ouvir agora.

MULHER

Antes quero mil noites não ceiar
Do que ter o trabalho de escamar;
Não me torne a trazer cá outras pestes,
Que hão de fazer jornada como estes.

MARIDO

Logo de peixe estou desenganado
Em quanto com você viver casado?

MULHER

Se tiver appetite de comêl-o,
Você tem boas mãos, póde ir fazêl-o.

MARIDO

Não me basta a canceira de ganhal-o,
Senão vir ainda a casa cosinhal-o?
Póde por-se este caso na *Gazeta*.

MULHER

Pois ande, vá pôl-o, meu pateta.

MARIDO

Costumavam seus paes tambem guardar
A louça nos armarios por lavar,
E servirem-se della ao outro dia
Atacada da mesma porcaria?

MULHER

A casa de meu pae pelo aceio,
Era de toda á gente grande enleio.

MARIDO

Por que motivo então, não dirá,
Aquella louça suja ainda alli está?

Que ha mais de quatro dias que servio,
Não tem ido lá dentro, não a vio?

MULHER

Ella se lavará, não se cosuma,
Que fique sempre assim tal não presuma;
Mas deixe-me apanhar mais socegada,
Que já estou de lidar muito cançada.

MARIDO

Quando me mette á cara a grande lida,
Desejo a paciencia ter perdida;
Porém conserva-se ainda a paciencia,
Até cá me chegar certa imprudencia.

MULHER

Que chegue ou que não chegue, não me importa,
Mas se acaso chegar eu não estou morta,
Nem de ter damno algum tenho receio.

MARIDO

Tambem tinham seus paes por grande aceio
Trazerem tão immundas as rodilhas,
Desfeitas em trezentas mil estilhas
Sem nunca conhecerem lavadeira,
Por lhe ter dado fim a tal porqueira,
E depois á cosinha ir se supprir
Com roupa que a gente ha de vestir?

MULHER

Eu sempre ouvi dizer que vozes loucas
Em respostas só tem orelhas moucas

MARIDO

Ainda que para tudo o tempo sobra,
Vamos adiantando a dita obra:
Seus paes praticam lá e têm por moda
Andarem pelo chão da casa toda

Os bons e máos vestidos desdobrados,
Sem jámais no caixão serem guardados?
E algum do inverno inda com lama,
Fazendo os cães e gatos delles cama?

MULHER

Tomará alguma cousa que comer,
Para embaraçar a lingua a responder.

MARIDO

Tambem lá tem seus paes a mesma asneira,
De andar coberta a casa de poeira,
Sem uso ter algum a tosca pá,
Nem tambem a vassoura ou boa ou má,
Ajuntando-se o lixo em mil montões,
Por nutrição dos bichos e pulgões?
Outro officio não ter em casa a gente,
Mais que andar-se a catar continuamente!

MULHER

Em consulta estou; saio, não saio,
Ora dê cá o pé, meu papagaio.

MARIDO

È lá costume a cama não ser feita,
Mais que assim levemente mal direita,
Tendo os lençóes por dentro esburacados,
E das voltas da gente mais rasgados,
As pernas obrigando esta tal peta,
A dormirem de noite na calceta?
E depois disto a grossa serventia,
Lançando cheiro máo de noite e dia,
Sem nunca desta peste haver despeijo,
Crescendo cada vez mais de sobejo?
O vidro parecendo negro barro,
Por lhe tirar o lustro o sujo sarro?
O cobertor da cama descosido,
Sem nunca ser catado e sacudido?

Os senhores seus paes praticam lá
Estes costumes máos que andam por cá?

MULHER

Ora vejam vocês com que nos vem!
Mais aceio do que elles ninguem tem.

MARIDO

Pois se aceio não ha maior que o seu,
Porque delles você não aprendeu?

MULHER

Supponha que não quiz ser aceiada,
Você com esta falta não tem nada;
Aceie-se você, deixe-me a mim.
E basta já de séca e de motim.

MARIDO

Acha bonito aquelle castiçal,
Que ninguem lhe conhece o seu metal?
Pois aqui onde estou o que percebo,
Que todo elle é feito só de sebo;
Nelle a gente de fóra já repara,
Tenha, tenha vergonha nessa cara.

MULHER

Bem pouco se me dá do seu grunhir,
Tomára eu cá mais tempo para rir.

MARIDO

É em tudo você uma mulher
Que em nada a seu marido dá prazer;
O que tem só de bom é ser honrada.
Porém sendo isto bom não vale nada,
Porque tem de o ser obrigação,
Pois se lhe eu presumisse alguma acção,
Ficava para sempre despedida,
De mastigar mais pão na sua vida.

MULHER

Se você fosse a vinho costumado,
Dissera que hoje estava embriagado;
Pois o juizo mostra ter perdido,
Tendo tão loucamente desatinado.

MARIDO

Para o que dizer tenho na verdade,
Lhe falta para ouvir mais de metade,
Pois só tratei das cousas principaes
Que se podem chamar culpas mortaes.
Desprezando ontras muitas bagatellas,
Que supposto são más não falla nellas,
Como você fazer da noite o dia,
Na cama sempre ouvir dar meio dia;
Vir eu á casa ás horas de jantar,
Achal-a posta a ressonar,
E sem a reprenheender deste erro seu,
O jantar á cosinha ir fazer eu:
E ás vezes cahir eu na logração
De lhe levar à cama o seu quinhão.
Jamais, graças a Deus, lhe vejo dar,
Antes me faz por certo admirar,
Umas contas na mão nunca lhe ver,
Nem um leve signal de christã ter,
Que por mais que me cance inda não posso
Arrancar-lhe da bocca um Padre Nosso.
Nenhuma compaixão ter da pobreza,
Sempre os pobres tratar com aspereza,
Deitando o que sobeja logo fóra,
Porque o pobre na porta tem demora;
Quando escuta queixar-se algum doente,
Em lugar de sentir fica contente;
E na progenie má de que se alenta,
Presumir-se immortal de tudo isenta,
Commigo provar posso este reparo,
Que à gente já causou espanto raro,

Pois lhe não tenho pouco eu cá soffrido
Alguma vez que tenho adoecido,
Sem nunca porque eu gemo perguntar,
Affectando desmaios de me ver,
Por um remedio só me não fazer,
Que se Deus sempre então me não valêra,
Que seria de mim com esta féra!
Mas aqui já não ha que porfiar,
Melhor é nestas cousas não fallar.

MULHER

Quem não fallar queria em bagatellas,
Muito bem discorrido tem por ellas;
Se algum crime de forca tem por lá,
Acabe já com isso, diga-o já,
Pois quero deste caso sem detença,
Ver proferida a ultima sentença.

MARIDO

Ainda do pensamento me não mudo,
Não entenda que tenho tido tudo,
Pois de você fallando um anno inteiro
Ficavam as mais das cousas no tinteiro,
Porém basta isto só para que entenda
O que mais justo é para a emenda.

MULHER

Obrigada lhe estou, senhor letrado,
Pelo bem que me tem aconselhado,
Porém no fundo metto já das costas
Todos os seus conselhos e propostas,
Que discursos de um homem tão jocundo
Merecem ser guardados neste fundo.

MARIDO

Vá tendo alguma conta lá comsigo,
Porque eu não estou já muito pão de trigo;

Olhe que se fôr indo como vai
Que ha de cantar a moda do ai ai.

MULHER

Dessa dita funcção não temo nada,
Porque nenhuma mão tenho aleijada.

MARIDO

Comporte-se melhor, seja prudente,
Os meus conselhos ouça obediente,
E não queira tecer algum motim,
Que eu venha a parecer vilão ruim.

MULHER

Se outra mulher tão má não encontrou
Por que com tanto excesso me buscou!

MARIDO

Se eu visse claramente estas mazelas,
Jámais faria excesso algum por ellas;
Mas como as tinha em si tão escondidas
Não podiam por mim ser conhecidas,
Mas de seus paes, que nisto não fallaram,
E' que me queixo só, que me enganaram,
Que quem tem uma filha tal e qual,
Não trazendo em dote um só real,
Para ficarem livres do tormento,
Não se deve enganar um casamento,
Ainda que achar-se possa um bom marido
Na mais rara virtude ennobrecido.

MULHER

Então por que razão não me observou
No tempo que commigo praticou?
Pois dous annos ou mais de galanteio
Lhe desfaziam a nevoa do receio.

MARIDO

Já lhe dei a resposta a esse dito
Porém por melhor phrase eu lh'a repito:
O mal de que me sinto envenenado.
Tinha você então reconcentrado.
Por astutas ideias de seus paes,
Mestres de boa escola e parciaes;
E por isso ao casar se chama sorte,
Que muitas vezes é fouce que dá morte.

MULHER

Homem não póde haver mais infeliz!
Voce diz muito bem, mas que é o que diz?

MARIDO

Que é o que digo eu? Digo o que é justo.

MULHER

Pois diga o que quizer, que eu não me assusto.
Se de viver commigo tem flagello,
Por me achar em tudo desmazelo,
Tome para servir-se uma criada,
Já que a mulher não presta para nada.

MARIDO

Não chegam para tanto as minhas rendas,
Mas, se pudesse tel-a, que contendas
Por dá cá aquella palha se veriam!
Que infernos nesta casa não seriam!

MULHER

Pois experimente agora, então verá,
Se o inferno se muda para cá.

MARIDO

Não tenho o que fazer experiencia
Do que devo ter já por evidencia,

Pois me havia causar grande agonia
Entrar uma criada cada dia,
Os meus podres fazendo descobertos,
E da mulher que tenho os bons acertos.

MULHER

Pois eu passar não posso sem criada.
Para ajudar-me em lida não pesada.

MARIDO

Ora deixe-se disso que é doudice,
Não precisa de ajuda a mandrice.

MULHER

Se eu soubera que moça não tomava
Com você certamente não casava.

MARIDO

Se me tirasse então isso em partido
Estava eu agora alegre e bem servido.

MULHER

Neste ponto não quiz eu boquejar,
Sómente para ver o seu portar,
Julgando achar em casa por capricho
Quem me fosse deitar na rua o lixo.

MARIDO

Depois de pôr patente a minha vida,
Era cousa bem clara e bem sabida
Que de mim tal capricho se esperasse,
Não o podendo ter sem que furtasse.

MULHER

Ai! cachorra de mim! Por me calar
Eu é que tenho a culpa de aturar
Os tormentos que passo nesta vida.

MARIDO

Tenho dó de a ver com tanta lida,
Com trabalho tão forte e tão pesado,
Como se vê por ahi n'um cão deitado.

MULHER

Irem meus paes casar-me c'um bregeiro
Que me deixa acender o fogareiro,
E pegar no carvão que me emporcalha,
Dizendo de continuo, anda trabalha,
Vai fazer isto, aquillo e aquill'outro;
E elle repimpado como um potro,
Sem nunca descansar em mim mordendo,
O meu grande trabalho conhecendo;
Soffrer não posso já tão grandes balas.
Todo o que quizer negras, vá compral-as.

MARIDO

Da lida de você o que eu assento
Que lhe não tarda algum esfalfamento,
Porém olhando para sua fidalguia,
Em casa de seus paes quem a servia?

MULHER

Minha mãe, que com mimo me tratava,
Nem se quer uma só palha eu levantava,

MARIDO

E tambem sua mãe quando casou
Logo seu pae criada lhe tomou?
Nunca lhe ouvio a elle fallar nisso

MULHER

Sempre você em tudo é meu enguiço,
Minha mãe sempre foi muito mimosa.

MARIDO

E depois que casou foi preguiçosa,

MULHER

De tanto que ella lida menos basta.

MARIDO

Então por que você não sahe á casta?

MULHER

Ora cale essa bocca, toleirão,

MARIDO

Com sua mãe acabo esta questão.
Se mimosa ella foi quando solteira,
Já casada se vê trabalhadeira,
E se em igual estado eu as contemplo,
Deve você seguir o seu exemplo,
E se ella obra o que é justo já se vê
Que não ha outra lei para você;
Eu não quero ouvir mais estribilhos,
Aquelles meus calções que têm fundilhos
Vá m'os buscar lá dentro sem demora,
Que os quero vestir porque vou fóra,
Que ando estruindo os de setim,
E não quizera ainda dar-lhe fim.

MULHER

Taes fundilhos ainda não deitei,
Nem tão pouco dessa obra me lembrei.

MARIDO

Eu nunca vi cabeça como essa,
Ora vá pegar nelles já depressa,
Que quero ver a obra começada
E de hoje até amanhã ser acabada.

MULHER

Aqui têm os calções que são galantes,
Tão poupado você não era d'antes.

MARIDO

Se algum dia, mulher, não fui poupado,
Hoje o pretendo ser, pois sou casado;
Pois quem casa tiver para supprir
Deve ser comedido no vestir.

MULHER

Pois eu não querc agora concertal-os,
Se teimar mais commigo hei de ir queimal-os.

MARIDO

Vá fazer o concerto que lhe digo,
Se em paz quizer viver sempre commigo.

MULHER

Quem ha de pegar nisto tão nojento.
Só por este alçapão roto e sebento,
Que a gente entojar faz e lançar fóra,
Não os quero na mão nem meia hora.

MARIDO

Pegue nelles, senhora, já lhe disse.
Antes que eu faça alguma parvoice.

MULHER

Que ha de você fazer? Ora esta é boa!
Não pense que commigo ha de ter proa.

MARIDO

Prôa não tenho eu, nem quero têl-a.
Mas se acaso tiver ha de roêl-a.

MULHER

Sabendo que de tudo tenho nojo,
Dar-me uns calções assim é forte arrojo!
Todo o forro de pulgas salpicado,
O assento tambem todo sellado,
Porcaria maior não tenho visto!
Pois idade já tem de pedir isto!

Por que não traz comsigo um papel pardo,
Ou dizer: ó, mulher, dá cá um caldo?
Quem tem ainda descuidos de rapaz
Use os calções abertos por detraz;
Só de vêl-os estou quasi lançando,
Vá vestil-os assim, vá-se marchando.

MARIDO

Mulher, louca mulher, monstro, dragão,
Os calções me levante já do chão.
Encontrou-se maior aleivosia!
Onde tem os calções a porcaria?
Diga, falsa, atrevida e mentirosa.
Se trabalhar não quer por preguiçosa,
Por essa bocca falle claramente
E não use de engano tão patente;
Com mais miudeza quero agora vêl-os,
Ha de m'os concertar, hei de trazêl-os.

MULHER

Os gadanhos arrede para lá,
Venha agora você tirar-m'os cá,
Juro que lh'os não hei de concertar,
E, para esta contenda se acabar,
E me ver livre destes embaraços,
Observe como os faço em mil pedaços.

MARIDO

Veja você tambem como eu lhe pago
Esta obra que me fez com tanto afago.

MULHER

Maroto, mariola, abaixe a mão.

MARIDO

Não posso deferir-lhe a petição,
Sem primeiro por mim ser castigada,
Tome, cachorra, perra e confiada.

MULHER

Ai! ai! ai! que me mata! ai, minhas costas!

MARIDO

Vá descontando em paga das respostas.

MULHER

Basta já, basta já, ai! ai! que morro!

MARIDO

Ha de morrer aqui sem ter soccorro.

MULHER

Não me arraste no chão que não sou cobra.

MARIDO

Isto é por molhadura da tal obra.

MULHER

Eu concerto os calções sem mais porfia.

MARIDO

Eu não quero que pegue em porcaria.

MULHER

Concertal-os agora é meu intento.

MARIDO

Nada, que o calção está fedorento.

MULHER

Já se me não dá disso, quero ter
O gosto de esta obra lhe fazer.

MARIDO

Depois de tudo ser despedaçado,
Agora é que lhe chega o seu cuidado.

MULHER

Eu os armo outra vez a toda a pressa,
Sem que rotura alguma alguem conheça.

MARIDO

Já me quer mostras dár de habilidade?
Já promette largar a ociosidade?
A minha medicina é mui segura,
Não a quero deixar com meia cura.

MULHER

Não me torne a dar mais que estou moida.

MARIDO

Isso é de ter em casa muita lida.

MULHER

Bem sei que nada lido e nada faço,
Ai de mim que não posso dar um passo.

MARIDO

Tambem ai! ai! de mim que já não posso.
Ver tanta perdição, tanto destroço.

MULHER

Eu lhe prometto já, d'hoje em diante,
Mudar em tudo a pelle incontinente,
Sem faltar nunca à minha obrigação,
Com zelo, amor, agrado e promptidão.

MARIDO

Voce promette muito e não faz nada.

MULHER

Eu não me hei de esquecer que fui maçada.

MARIDO

Se acaso essa lembrança lhe ficasse,
Eu não duvido então que se emendasse,

Porém d'aqui a tres ou quatro dias
Sempre lhe temo as mesmas felestrias,
Para o que bom será quebrar-lhe um braço,
Para a lembrança ter maior espaço.

MULHER

Pelo santo da sua devoção,
Pela sua saude e salvação,
O pensamento mude de aleijar-me;
Que outra vez ractifico de emendar-me.

MARIDO

Qual ractificação, em nada creio,
Hei de partil-a aqui de meio a meio;
Mulher que desattende a seu marido
Deve-lhe ser o corpo dividido.

MULHER

Por alma de seus paes lhe peço agora
De mim compaixão tenha nesta hora,
Deixe-me por quem é, ficar inteira,
Que eu não hei de fazer mais tanta asneira;
Se á promessa que faço eu lhe faltar,
Então acabará de me matar.

MARIDO

Compassivo das vozes do seu rogo,
A sentença de morte lhe revogo.
E, ficando nas custas condemnada,
Sem embargo de ser por mim maçada,
Em logar do degredo merecido,
Pelo poder que tenho de marido,
Emquanto não mudar de condição,
A comdemno a dormir sempre no chão,
Na minha cama nunca pondo o pé,
Sem estar para commigo de outra fé.

Se obrar o que promette, bom será,
E todo o meu rancor se acabará;
Mas se acaso mudar de pensamento
Hei de acabar-lhe a vida n'um momento.
Emfim, não posso em casa ter demora.
Que tenho precisão de ir para fôra,
Estimarei á noite quando venha,
Logo assim que chegar a cêa tenha.
Fique em paz e conheça os seus erros,
Respeite a seu marido e tema a Deus.

FIM

Typ.—Esperança—de J. de Aguiar & Cª.—rua de S. José—14

Vende-se na mesma casa

Lyra do Trovador, 1$. Poesias de F. P. Zinão, 1$. Trovador Brazileiro, 500. Lyra de Apollo, 1$. Serenatas, 500. Carlos Magno, 2$500. Primaveras, de Casemiro de Abreu, 1$. Vida de J. do Telhado, 1$. Lili 1$. Thesouro da magica, 1$. Poesias do Rossinho, 200. Livro dos Sonhos, 500. Bertholdo, 500. Vida de Santo Antonio, 500. Principe Cyrillo, 500. Princeza Magalona, 500. Donzella Theodora, 500. João de Calais, 500. Roberto do Diabo, 500. Imperatriz Porcina, 400. Galateia, 500. Diccionario das flores, 500. Conselheiro dos amantes, 1$. Judia e Noivado, 200. João Brandão, 200. Manual encyclopedico, 2$500. Dous proscriptos, 1$. 29, honra e gloria, 800. D. Juanita, 1$. Sinos de Corneville, 1$. D. Alvaro da Cunha, 1$. Fronteiro d'Africa, 1$. Um alho, 200. Cerração no mar, 200. Testamento do soldado, 200. Proezas de um vagabundo, 200. Fadigas de um caixeiro, 200. Mulher vaidosa, 200 Paulo e Virginia, 400. Malicia das mulheres, 500. Disputa, d'agua e o vinho, 500. Curuja e Morcego, 200. A Liberdade, de P. Chagas, 200. Confissão do Marujo, 240. Cavalleiro da Cruz, 500. Estella e surpreza d'Evora, 1$. Manoel da Abalada, 200. Conto das fadas, 1$ Pai Manoel e Pai José, 200. Morgadinha de Val-Flor, 1$. Prophecia de um ovo, 200. D. Nuno Peres de Faria, 500 Luziadas de Camões, 1$. Recitativos, 1$. V. Maryo, 200. A corda do enforcado, 1$. Manual Epistolar, 2$. Vida do Carroceiro, 200. D. Jayme, 1$. Expositor Portuguez, 1$. Milagres de Santo Antonio, 500. Ciumes do Bardo, 200. Bella e Fera, 200. A Honra de um Caixeiro, lindo romance contemporaneo, 1 vol, broch., 1$. Disputa da mulher com o marido, 200. Fabulas de Ulysses, 200. O padre assassinado pelo filho do sapateiro, 200. O meirinho e a pobre, 200. Contos e prantos, poesias, 1$. Amor e dever, romance, 1$ Dous namorados, 200. O mundo vai-se acabar, 200. A bella adormecida no bosque, 200. Emquanto o bond não parte, 200. O sarrabulho, scena comica, 200. Barba azul, 200. Elle e ella, romance, 200 Canto do sabiá, 200. O Usurario, 200. O meu amigo banana, 200. Supplicio e copos, 200. Fui vêr a festa da Penha, 200 Historia verdadeira e acontecida no Reino do Algarve, 500. Dous surdos, comedia, 500. Gritos da Carne, 1$. Nocturnos, 1$500. Scintilações, 1$. Viagem dos Imperadores do Brazil, em Portugal, 2$. Saudades na Campa, 500.

Testamentos: de Manoel Braz, do Macaco, da Barata, do Rato, da Mosca, do Burro, do Mosquito, da Gallinha, do Gallo, da Raposa, do Boi, da Preguiça. do Morcego, da Saracura, do Cavallo, do Perú, 80 réis por cada um, João Lobo, romance, 1$. Imposto do vintem, Secca do Ceará, por Sant'Anninha, 500.

Grande sortimento de historias, orações, romances, poesias, etc, Obras de Escrich. C. C. Branco, P. Chagas, Thomaz Ribeiro, D. A. da Costa, Theophilo Braga, Latino Coelho, J. Cesar Machado, Alexandre Herculano e outros autores, por preços muito Baratos.

Rós de roupa, 200.